

Relações de Hospitalidade na Bíblia

Grace Kelly Marcelino¹

Sênia Regina Bastos²

Resumo

A Bíblia contém diversas orientações e histórias inspiradoras do quanto a vida é difícil e injusta, revela proezas e esperanças para a jornada cotidiana, e nesse conteúdo busca-se compreender a hospitalidade neste documento. A Bíblia menciona pessoas, assim como seus vínculos, ora com resultados positivos ora negativos, tal como a hospitalidade, que carrega a dualidade em seu significado, por meio de uma proposta positiva de apaziguamento da relação, mas que também pode resultar em hostilidade ou inhospitalidade. Ressalta-se que a relação de hospitalidade alcança, inclusive, os que são considerados estranhos para nós. Olhar para as diversas realidades de convívio que podem ser encontradas nesse documento, que ainda impacta diversas pessoas, de diferentes maneiras, é o que a realização da presente pesquisa visa, fundamentada no referencial teórico de hospitalidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, de caráter qualitativo e exploratório. O artigo sistematiza os resultados da pesquisa realizada na plataforma SCOPUS com o filtro hospitalidade e Bíblia. Os resultados apresentam o planejamento da hospitalidade como estratégia para objetivos hostis, a casa como principal local da cena hospitaleira e revelação do anfitrião-servidor.

Palavras-chave: Hospitalidade. Hostilidade. Bíblia. Relações Humanas.

Abstract

The Bible contains many inspirational guidelines and stories of how difficult and unfair life is, revelations and hopes for the daily journey, and in that content one understands hospitality in this document. The Bible mentions people, as well as their bonds, sometimes with positive or negative results, such as hospitality, which carries duality in its meaning, through a positive proposal of appeasement of the relationship, but which can also result in hostility or inhospitality. It is noteworthy that the hospitality relationship even reaches those who are considered strangers to us. Looking at the different realities of coexistence that can be found in this document, which still impacts different people, in different ways, is what the realization of this research, based on the theoretical framework of hospitality, is all about. It is a bibliographic and documentary research, of a qualitative and exploratory nature. The article systematizes the results of the research carried out on the SCOPUS platform with the hospitality and Bible filter. The results present the hospitality planning as a strategy for hostile objectives, the house as the main location of the hospitality scene and revelation of the host-server.

Keywords: Hospitality. Hostility. Bible. Human relations.

¹ Universidade Anhembi Morumbi – e-mail: gkturismo@yahoo.com.br

² Universidade Anhembi Morumbi – e-mail: srbastos@anhembi.br

Introdução

A Bíblia é composta por diversas histórias e a interpretação de cada uma delas é importante para que as explicações contidas em cada relato sejam compreendidas pelo leitor. Por vezes é considerada um guia que proporciona formas diferentes de viver na sociedade, “a história como prática social procura compreender estes fenômenos extraindo sentidos para o seu entendimento” (SOUZA; GIACOMONI, 2021, p.140)

A jornada humana é repleta de desafios que geram experiências que contribuem para o sentido e estruturação da vida, todavia essas experiências compreendem situações difíceis de serem expressas por palavras, e é principalmente neste contexto que relatos de histórias e parábolas proporcionam ao indivíduo recursos para lidar com os aspectos subjetivos, descobrir novas facetas e significados. A releitura desses textos resulta na sua atualização, tornando-os atemporais.

Esse processo comporta três aspectos segundo Boff (2005): contar, explicar e revelar. Contar se refere a falar de ideias que alcançam o coração, ou seja, afeta o outro de maneira profunda e traz significado à vida, não por ser uma discussão racional e sim uma explicação contida intrinsecamente na história, evocar emoções e direcionamentos. Já o revelar contempla o olhar subjetivo e simbólico sobre a repercussão daquilo que há dentro de cada um de nós.

Para existir o coletivo é preciso existir o eu, não no sentido de egoísmo, mas no sentido de aceitação, entendimento de cada colocação realizada, ideia criada, descoberta efetivada e cognição apreendida. As experiências vividas, fundamentam a liberdade de falar, escrever, pesquisar e dialogar, seja para solucionar ou entender como as coisas são. Essa pessoalidade é importante para a construção, inovação e contribuição para as diferentes áreas de nossas vidas.

Essas relações e a importância dos relatos cotidianos para o viver, motivou o objetivo de conhecer as histórias bíblicas que narram as relações de hospitalidade. A hospitalidade constitui um desafio, pois esse encontro exige transpor barreiras, lidar com o desconhecido que pode resultar em vínculos ou não, um risco que cada anfitrião, disposto ou não, corre ao guiar o outro que lhe é estranho por um caminho que ambos desconhecem.

É nesta complexa e dual situação que a hospitalidade se desenvolve, aceitar o outro rompe a barreira da ameaça e transforma os sujeitos dessa relação a cada encontro, independente da atitude daquele que chega, seja amigo ou inimigo. A hospitalidade induz o anfitrião a lidar com o outro considerando primeiro que aquele é uma pessoa, depois a avaliar suas escolhas. Isso significa que seu hóspede, após receber seus cuidados, pode lhe tirar a vida.

Corremos esse risco ou mudamos as circunstâncias de modo a nos manter em segurança, acima da segurança do hóspede? O temor de receber e a ameaça que o desconhecido representa constituem uma permanência, vida sem temor, pois receber o outro no interior de sua casa e alma, é viver o hoje e não o futuro (ansiedade) ou passado (depressão).

Diante desse desafio é que o presente estudo recai no livro mais lido, mas também um dos mais mal interpretados, que inspira simultaneamente a sabedoria, o ódio e a rebeldia.

Um documento, tantas vezes revisto, manipulado e traduzido, que em meio a tantas perdas e ganhos, parece ainda carregar uma essência inspiradora a prosseguir, independente do sentido de escolha que o indivíduo faça. Ele estimula o movimento das pessoas: a lutar e a recuar, a sorrir e a chorar, a incluir e a excluir, é dual como a hospitalidade, por isso este estudo discorre sobre algumas narrativas bíblicas sobre hospitalidade.

O estudo tem por objetivo compreender as relações de hospitalidade contidas na Bíblia. Pesquisa qualitativa e exploratória, os métodos utilizados foram pesquisa bibliográfica e documental, por meio do levantamento de dados na plataforma Scopus e análise de textos bíblicos.

O artigo apresenta os principais conceitos que norteiam esse estudo, em seguida apresenta o método utilizado, assim como as etapas da pesquisa. Apresenta os resultados e os discute com base nos autores apresentados na primeira parte do texto, por fim as considerações finais ressaltando os principais resultados e oportunidades de pesquisas.

Desenvolvimento

Benveniste (1995) e Gorman (2007) discutem a raiz da palavra hospitalidade, evidenciando sua dualidade. Originária dos termos latinos *hospes* e *hostis*, sua raiz compreende o peso controverso de dois significados, o primeiro tem o sentido de senhor e autoridade sobre a família, equivalente a anfitrião e o segundo, por ter em seu contexto a ideia de estrangeiro, que não se sabe se é amigo ou inimigo, tem o duplo sentido de hóspede e de inimigo.

Se todo encontro é cercado pela ameaça de conflito porque existe a diferença, em alguns casos desconhecida, estranha para ambos, então os componentes desse encontro (ações, gestos, palavras) serão o combustível para desencadeá-lo ou não. Assim, a hospitalidade exige um ritual que permite que o encontro ocorra de modo a diminuir os fatores que possam desencadear o conflito entre os envolvidos (MARCELINO, 2016, p.10).

Os mitos estudados por Boff (2005) constituíam o recurso explicativo dos aspectos intangíveis da vida no passado, e se tornaram-se objeto da ciência na contemporaneidade. Os textos bíblicos ainda possuem essa ação, principalmente por ser um material mais acessível do que os textos científicos³, contêm relatos sobre a vida de diferentes personagens e suas experiências com o outro, assim como espirituais.

Os textos do Antigo Testamento fazem parte de um gênero literário chamado Textos do Antigo Oriente (GORMAN, 2007). Esses relatos são descritos em forma de cartas, ensinos, narrativas, parábolas e metáforas, enquanto a leitura e comentários tem por objetivo “revelar dimensões profundas do ser humano” (BOFF, 2005, p. 90).

Na leitura e compreensão do texto realizada por Boff (2005), para explicitar a hospitalidade, convivialidade e a comensalidade, destaca: onde, quem, atitudes e como a hospitalidade se desenvolve. Percebe-se que ao buscar a origem e não somente seu significado, o seu desenvolvimento ganha relevância sobre o entendimento, evitando que se torne um conhecimento com fim em si mesmo.

Boff (2005) compreende que a hospitalidade pode ser exercida nas mais variadas circunstâncias e lugares, definindo-se a partir do outro, pois aquele que manda também é o que obedece na relação entre anfitrião e o hóspede (quem). Mas quem é o outro? Esse outro pode ser (BOFF, 2005, p. 94):

- O outro enquanto desconhecido que bate à porta;
- O outro enquanto forasteiro que vem de fora, de outras terras com outra língua, outros costumes e outra cultura;
- O outro enquanto classe social, um pobre econômico;
- O outro como excluído do convívio social, alguém em extrema necessidade, cansado e famélico;
- O outro enquanto o radicalmente Outro, o Deus escondido atrás da figura dos dois andarilhos.

Isso significa que a hospitalidade alcança todos os outros que possam existir, assim como as atitudes que esse possa ter diante dos acontecimentos, desde a humildade até a soberba.

³ Devido a maioria da população não dominar textos técnicos e termos específicos por causa da falta de formação básica, outro aspecto é a não disseminação dos estudos com a população, normalmente o pesquisador não tem contato com aqueles que não fazem parte das instituições acadêmicas.

A atitude engloba tanto a do anfitrião como do hóspede, aquele que oferece hospitalidade não deve ser prevenido, pois suscita atitudes de reservas e receios (pré-conceitos) que criam muros.

Quantas vezes em momentos determinados e designados para sermos hospitaleiros nos geram uma convivência totalmente constrangedora, condicionada e repleta de reservas, onde o temor e a vergonha passam a imperar.

Temos o domínio do externo, mas deixamos de ter o domínio próprio, passamos a controlar o outro ao invés de nos controlar, uma hospitalidade incondicional não te permite controlar o outro, apenas a você mesmo.

A hospitalidade é permeada por cuidados destinados a acolher “sem reservas”, o que compreende abrigo, alimentação, bebida e condições para descanso do hóspede (BOFF, 2005). Por sua vez, Lashley, Lynch e Morrison (2007) pontuam os benefícios e obrigações da relação de hospitalidade, como a preocupação do anfitrião com a felicidade do hóspede.

Ao explicarem a hospitalidade como fenômeno, Lashley, Lynch e Morrison (2007) destacam vários pontos de partida para os estudos e formas de ver o mundo, por meio dessa compreensão, seus estudos chegaram a nove temas dominantes, tendo como ponto central a transação anfitrião/hóspede, enquanto os outros oito são derivados desse núcleo conforme a figura abaixo:

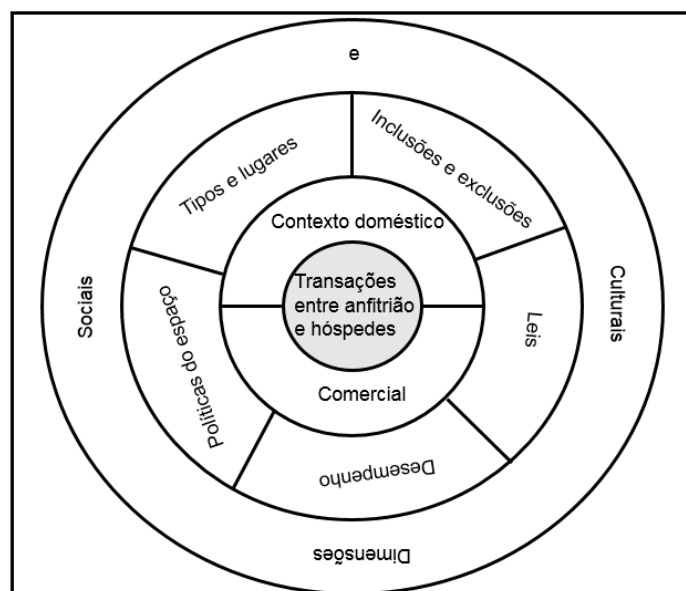


Figura 1: Lentes conceituais de hospitalidade

Fonte: Lashley, Lynch, Morrison, 2007, p.175 (tradução Guizi, Wada, Gândara, 2016, p.57)

O contexto doméstico aborda os símbolos, práticas e linguagens da transação anfitrião/hóspede, ele também pode revelar a educação em relação as leis de hospitalidade. O comércio versa sobre questões econômicas conjugadas às sociais, nesse contexto, em diversos momentos, ocorre a terceirização das atitudes de hospitalidade.

Com relação à inclusão / exclusão, os convidados, que estão dentro dos limites estão inclusos, já os indesejáveis, estão do lado de fora, excluídos. Sobre as leis, deve-se ressaltar que não são escritas, consistem em regras sociais definidas pela cultura, ou seja, ligadas à ordem da transação entre anfitrião e hóspede, e determinam as obrigações e comportamentos aceitáveis e inaceitáveis.

Camargo (2020) explica que as leis não escritas da hospitalidade fazem parte de um direito ancestral cristalizado semelhante a uma ética, Pitt-Rivers (1977) afirma que as leis da hospitalidade ultrapassam o conflito e assim evita a hostilidade.

A atuação (ou desempenho) dos papéis durante um período regido pelas leis da hospitalidade em um espaço, transmite simbolismo e significado, assim como discussões sobre a autenticidade. Sobre a política do espaço, o foco são os limites e significados de natureza social, espacial e cultural que reafirmam inclusões / exclusões, e o nível de intimidade / distância.

Tipos e lugares, basicamente são os locais para vivenciar a hospitalidade. Por fim, as dimensões sociais e culturais definem a transação entre anfitrião e hóspede pautada pela construção de um universo moral temporário que integra produção, consumo e comunicação.

Método

Este estudo é considerado de caráter qualitativo e exploratório. A produção do conhecimento sofre mudanças constantemente, observa-se a diminuição da hegemonia do meio acadêmico em virtude das condições do desenvolvimento econômico, na medida em que a produção acadêmica passa a ser direcionada pela conexão universidade-empresa-Estado, priorizando-se a busca por resultados práticos (LIMA, MIOTO, 2007).

Esse cenário contribui para o aumento das pesquisas, contudo passa-se a ser necessário considerar a qualidade dessas obras, e a metodologia passa a ser ponto chave para essa análise.

A pesquisa bibliográfica nem sempre é selecionada com o devido entendimento ou coerência com o objeto de estudo. Isto deriva da confusão entre revisão da literatura, pertinente

a todo início de pesquisa, e a pesquisa bibliográfica, que exige “um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA, MIOTO, 2007, p. 38).

Por sua vez, entende-se por revisão teórica ou revisão da literatura “o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica” (UNESP, 2015, p. 2). Os artigos de revisão teórica têm seus primeiros registros na Alemanha no século XIX (FIGUEIREDO, 1990), com formatos diferentes, sendo eles:

- Revisão anual: desenvolvido com as produções importantes daquele ano;
- Revisão seletiva: analisa e critica uma problemática.

Atualmente as duas formas são utilizadas nas produções. Assim, esses trabalhos, com seu propósito histórico e de atualização (FIGUEIREDO, 1990) acabam por darem continuidade às obras originais, unindo várias visões, autores, em um único estudo.

O que esperar de uma revisão teórica? Segundo Moreira (2004), por meio dela pode-se identificar estudos semelhantes; examinar a metodologia; conhecer pesquisadores importantes; obter fontes e informações úteis; evitar pesquisas em duplicidade; fazer comparações; e apontar novos pontos de vista ou ideias.

Resumidamente e apoiado por Pizzani et al. (2012), Romanowski e Ens (2006) e Ferreira (2002) pode-se dizer que os objetivos da revisão são: propor aprendizado, reconhecer métodos e/ou técnicas e sustentar redação de pesquisa. A relevância desse estudo está no fato de que essas revisões englobam obras de um assunto importante em um determinado espaço de tempo.

Em síntese a revisão teórica permite uma visão ampliada, holística de um assunto acadêmico de certa área de pesquisa, além da organização desse conhecimento que pode ser feita por interesse, características ou lacunas. Portanto, uma espécie de mapa para dar continuidade ao caminho (MESSINA, 1998).

A pesquisa documental recorre à fonte primária para analisar o que ainda não foi estudado e pode ser desenvolvida em documentos antigos ou atuais, além de complementar a pesquisa bibliográfica. Souza e Giacomoni (2021, p. 140) afirmam que “um documento é algo que fica, é um testemunho”.

O pesquisador tem por desafio “selecionar, tratar e interpretar a informação, visando compreender a interação com sua fonte” (KRIPKA, SCHELLER, BONOTTO, 2015),

permitindo o incremento da pesquisa de maneira detalhada e conferindo maior significado aos dados obtidos.

Em 09 de outubro de 2021 foi realizado levantamento de artigos científicos na plataforma Scopus, o filtro considerou o título contendo as palavras hospitalidade e bíblia, em português e inglês (hospitality and bible) que resultou em três artigos, nenhum deles no idioma português:

1. *Invitation to murder: Hospitality and violence in the Hebrew Bible* (GUDME, 2019)
2. *Models of hospitality and theoxenia in the bible* (DIAS, 2019)
3. *Bible Hospitality* (WELLS, 2015)

A proposta inicial tinha por interesse analisar os resumos para identificar a abordagem do autor, mas ao iniciar a leitura identificou-se que o terceiro artigo não continha resumo nem palavras-chave, neste momento optou-se por fazer leitura integral dos três artigos com o objetivo de apresentar uma síntese dos artigos, apontando o (s) texto (s) bíblico (s) estudado e comentado pelo autor.

Num segundo momento, os textos bíblicos analisados nos artigos foram consultados e explicados tendo por base os pontos adotados por Boff (2005) para analisar a hospitalidade na obra Báucis e Filêmon. Nesse sentido, foram arrolados os seguintes elementos:

- onde a hospitalidade é exercida?
- quem são os que hospedam (os anfitriões)?
- quem são os que pedem hospitalidade?
- atitude dos andarilhos (hóspedes)?
- atitude de quem oferece a hospitalidade?
- como a hospitalidade, a convivência e a comensalidade são viabilizadas?

As cenas de hospitalidade na Bíblia foram abordadas a partir das lentes da hospitalidade propostas por Lashley, Lynch e Morrison (2007). Foi utilizado a categorização de Boff (2005) e as lentes da hospitalidade porque permite fazer correspondências.

Onde acontece a cena de hospitalidade atende os seguintes elementos das lentes da hospitalidade: contexto doméstico e tipos/lugares; já a definição de quem são o anfitrião e o hóspede relaciona-se com o desempenho; a atitude do anfitrião e do hóspede com a abordagem de inclusão / exclusão; e como a hospitalidade, a convivência e a comensalidade são viabilizadas interage com as leis e dimensões sociais e culturais.

Discussão e Resultados

Dias (2019) faz seu estudo sobre hospitalidade e teoxenia na Bíblia, que semelhante a Boff (2005) busca mostrar como a hospitalidade acontece por meio de narrativas, ao contar sobre aquele que é recebido, no caso, o Outro é a representação de Deus.

Na obra de Dias (2019) a identificação do aspecto do gênero literário teoxenia no texto pautou-se nos seguintes aspectos: visita divina com uma identidade velada, oferta de hospitalidade ao estranho ou hostilidade para com o estranho, salvação / recompensa pela hospitalidade ou destruição devido à hostilidade e revelação da identidade divina. A autora sistematiza uma estrutura de itens comuns nesse tipo de gênero literário assim como Boff (2005) fez, mas com tópicos distintos em sua maioria.

Dias (2019), no aspecto da atitude, entende que os andarilhos são indivíduos que andam pelas terras para flagrar a hostilidade dos homens ou a sua integridade, isso porque a autora trabalha somente com a hipótese de que o andarilho recebido é Deus. No entanto, para Boff (2005, p.95), a natureza da hospitalidade e da convivência sugere “gentileza, abertura de coração, sensibilidade pelo desamparo do outro”.

Já Wells (2015) estabelece um paralelo entre a hospitalidade encontrada atualmente na Jordânia com a descrita na Bíblia, afirmando que essa hospitalidade discorre na cena hospitaleira de Gênesis 18: 1-8. Fica evidente que o autor vivenciou uma experiência empírica oriental de hospitalidade e, em diversos momentos, ressalta que se sentiu transportado para a época do registro do texto bíblico, o que remete Gorman (2007), ao ressaltar que a hospitalidade possui origem antiga e que honra as tradições.

O desejo de receber o caminhante é visto como um presente para o anfitrião, que além de recebê-lo, prover alimento e bebida, garante a proteção tanto à noite, ao fazer vigília, como durante o dia, ou seja, enquanto o estrangeiro estiver nas terras que lhe pertencem, essa ideia de dono da terra é comentada por Benveniste (1995). Esse mesmo texto é trabalhado por Dias (2019), mas o foco da discussão é diferente.

Wells (2015) faz uma afirmação interessante e que contrasta com a oferta ocidental de hospitalidade, pois nos países árabes predomina a ideia de que o hóspede é o senhor e o anfitrião seu servo enquanto a relação se perpetuar nesse espaço, e que o hóspede está concedendo um grande favor ao anfitrião. Compreensão essa advinda da observância da atitude do anfitrião diante dos seus hóspedes:

O chefe mais poderoso que visitamos permaneceu de pé enquanto éramos hospedados em sua tenda. Aquele chefe tinha diante de nós a própria imagem e espelho dos tempos bíblicos, pois o v.8 diz: 'E ele (Abraão) ficou ao lado deles debaixo da árvore, e eles comeram.' Eles, não ele. O anfitrião de hoje não come com seus convidados, pois lhe dá carinho e bebida o suficiente para ver seus convidados regalados em sua 'casa de cabelos'. Uma exceção a essa regra é que o anfitrião bebe a primeira xícara de café para mostrar que não está envenenado - é o que diz Burton (Wells, 2015, p. 62 – tradução livre).

Apesar de tratar de hospitalidade como Wells (2015) e Dias (2019), o estudo de Gudme (2019) acrescenta a violência, que pode acontecer mesmo em relações de hospitalidade, portanto, em seu texto, a hostilidade não é apenas uma possibilidade caso o anfitrião ou o hóspede não trate bem um ao outro. A hostilidade acontece simultaneamente com a hospitalidade, dualidade essa apontada por Benveniste (1995).

Gudme (2019) trabalha com os textos de 2 Samuel 13 e Juízes 4, que compreendem cenas de hospitalidade permeadas por atos violentos, percebe-se inclusive que a hospitalidade é utilizada como estratégia para o anfitrião atingir seus objetivos, ou seja, ocorre uma deturpação da hospitalidade, pois nesses relatos não somente o resultado da hospitalidade foi a hostilidade, mas a hostilidade integra o planejamento para recepção do hóspede.

Outra novidade é que a hospitalidade acontece entre conhecidos no texto 2 Samuel 13. No final, a autora resgata a proposta original de hospitalidade de Gênesis 18 e 19, para mostrar o distanciamento do ideal de hospitalidade.

Gorman (2007) relata a história abordada em Gênesis 18 e 19 e revela como algumas leis destinadas ao estrangeiro buscavam assegurar que as relações para com os mais fracos da sociedade fossem boas e pacíficas. A abordagem do autor é de que o anfitrião que oferece essa hospitalidade é recompensado ou punido, além de compreender que a hospitalidade determina a ética daquele período.

Os trechos Gênesis 18 e 19 mencionados por Dias (2019), Wells (2015) e Gudme (2019), 2 Samuel 13 e Juízes 4 mencionados por Gudme (2019) e Lucas 7: 36 – 50 mencionado por Dias (2019), serão analisados a partir dos questionamentos baseados em Boff (2005) e as lentes de hospitalidade propostas por Lashley, Lynch e Morrison (2007). Para a análise dos referidos textos bíblicos adotou-se a Bíblia Nova Versão Internacional (2017).

Em Gênesis 18, Abraão, em Canaã na entrada de sua tenda, avista de longe a chegada de algumas pessoas; Corre ao encontro deles e se curva, pois percebe que não são pessoas

comuns, mas a presença de Deus, as três pessoas representam o Pai, o Filho e o Espírito Santo... Preceito incentivado pela Bíblia, a todo momento, receber as três pessoas (em Um) de Deus em suas vidas.

Ele lhes pede a oportunidade de recebê-los em sua casa, pois seria um privilégio dispor de mais tempo com eles. É uma escolha pessoal e livre, observa-se que mesmo naquela época, sendo uma obrigação receber o viajante, não é essa obrigação que motiva Abraão. O que gera alegria ao coração de Abraão e Sara é a presença deles.

Naquele contexto, a representação de Deus por meio do Espírito Santo ainda não fazia morada permanente na vida das pessoas, por isso Ele (Espírito Santo) fala em visitá-los novamente quando informa que na primavera Sara irá gerar um filho, pois o milagre se dará pela visita espiritual do Espírito Santo.

Esse milagre não está condicionado à hospitalidade que Abraão concedeu, não é uma recompensa ou troca, mesmo se o conceito da dádiva (Godbout, 1997), pois em nenhum momento o diálogo evidencia a necessidade de os viajantes receberem abrigo e comida, tampouco falam que darão um presente por causa dessa gentileza. Sequer há agradecimento pela ação de acolhida.

Cabe destacar que esse é o ponto central, visto que a hospitalidade não é motivada por interesse, mas por querer o outro perto de si, para desfrutar de sua companhia e a constituição de vínculos sociais.

Na verdade, os andarilhos assemelham-se aos mensageiros de passagem, eles aceitaram o convite, porque apenas relembram Abraão da promessa recebida a cerca de 20 anos atrás, e como sabiam que Sara ouvia escondida a conversa confirmaram o que Deus faria por meio da visita do Espírito Santo.

Abraão os recebe debaixo de uma árvore (sombra) com água para que lavem seus pés e enquanto isso adota as seguintes providências: aguarda a autorização dos hóspedes para ir providenciar a comida, depois corre até a tenda e orienta Sara a fazer pães, e deixa claro que ela deverá usar a melhor farinha, segue em direção ao rebanho para escolher o melhor novilho e pede para o servo prepará-lo com rapidez. Junto com o novilho, traz também coalhada e leite e serve os convidados. Abraão fica em pé debaixo da árvore enquanto aguarda os convidados se alimentarem.

Observa-se que no Ocidente pode parecer uma atitude rude ou hostil o anfitrião ficar em pé ao lado dos que comem, mas no Oriente tal atitude demonstra que o anfitrião está pronto para servi-los.

No final do relato os convidados divinais se levantam para partir, avistam Sodoma e Gomorra e Abraão os acompanha para se despedir. Eles reforçam a promessa de que Abraão seria pai de uma nação poderosa e grande que seguiria o caminho de Deus e o comunicam que iriam até Sodoma e Gomorra para averiguar as acusações (pecados) que havia contra aquela cidade.

Então Abraão questiona um deles, o Senhor, se os que praticam o pecado seriam exterminados junto com os que não praticam, mas moram naquela cidade. Antes de receber respostas, Abraão intercede em nome das pessoas justas que poderiam ter lá (50, 45, 30, 20, 10) na tentativa de convencer o Senhor a não destruir Sodoma e Gomorra. Este desespero não revelado de Abraão até aqui é por causa de Ló que morava naquela cidade.

O Senhor combina com Abraão de que se encontrar 10 justos naquela cidade, Ele não destruiria Sodoma e Gomorra por amor aos 10 justos que encontrasse lá, então Abraão retorna para sua casa e o Senhor segue em direção a Sodoma e Gomorra.

Então, Gênesis 19: 1-22 relata esse encontro dos convidados e Ló na cidade de Sodoma e Gomorra. Logo no início do relato verifica-se que apenas dois dos três convidados de Abraão chegam ao anoitecer a Sodoma e Gomorra, parece que o Senhor é o que não vai para a cidade. Ló também estava sentado na porta, os avista de longe e vai ao encontro deles para os receber, apesar de se prostrar (como a Abraão) não os reconhece como divinais.

Pode-se inferir que Ló não reconhece a divindade dos convidados, pois ao se separar de Abraão (Gên. 13), essa escolha revela que em sua alma decidiu afastar de Deus, indo por um caminho e local para moradia no qual Deus não estava. Mas Ló mantém os bons costumes ligados a suas origens de fé, tanto que sua atitude de acolhida possui atos semelhantes ao de Abraão.

Ló os convida para irem a sua casa lavar os pés e passar a noite, mas os viajantes recusam o convite, mas acabaram aceitando-o pela insistência. Talvez a recusa tenha sido porque eles não foram reconhecidos, mostrando que apesar de Ló permanecer seguindo a cultura/normas do seu povo, não tinha mais intimidade com Deus por meio da fé.

Ló providencia pão sem fermento, que significa sem a influência do pecado, comido pelos convidados antes de dormir. Os vizinhos ao saberem que Ló tinha hóspedes, cercam sua

casa, numa evidência de que se trata de uma cidade hostil para estrangeiros. Ló intercede pelos visitantes e pede que não cometam nenhuma perversidade com eles, tenta negociar e sugere dar suas filhas virgens ao invés dos visitantes.

Os moradores ressaltam que Ló também era estrangeiro e que ele queria mandar neles, fator indicativo de que os moradores da cidade não compartilhavam o hábito cultural de receber e proteger o estrangeiro, embora Ló o tivesse, o que aumenta o conflito.

Os convidados socorrem Ló, puxando-o para dentro e fechando a porta. Cegaram as pessoas que queriam invadir a casa para não encontrarem a porta e se apresentam para Ló como divinos (quem eram) e que foram para lá para destruir a cidade por causa de sua perversão (motivação da visita à cidade).

Os convidados questionam se Ló tem mais parentes e o orientam a tirá-los de lá, porque as acusações contra Sodoma e Gomorra foram confirmadas e então a destruiriam. Ló procura os futuros genros de suas filhas, mas eles não acreditam nele e permanecem na cidade.

Pela manhã, mesmo sendo alertado para saírem, Ló ainda hesita e os convidados divinais o pegam pela mão junto com sua esposa e filhas, tirando-os dali à força e os deixam fora da cidade. Nota-se uma inversão de papéis, pois os hóspedes passam a proteger seu anfitrião, levando-o juntamente com a família para fora das imediações.

Ló recebe a orientação de ir para as montanhas, mas não aceita por medo de ser responsabilizado por aquela destruição e informa que irá para uma pequena cidade vizinha, que provavelmente também seria destruída, pois os convidados divinais respondem que atenderiam ao pedido de Ló e não destruiriam a pequena cidade (Zoar). Observa-se que Ló negocia com os convidados divinais e obtém sucesso assim como Abraão.

Já em 2 Samuel 13 Amnon (filho do rei Davi) se apaixona por sua irmã Tamar e junto com seu melhor amigo elabora um plano para conseguir se relacionar sexualmente com ela. Amnon inventa que está doente e quando seu pai vai visitá-lo, ele lhe faz um pedido: que deixe Tamar ir a sua casa cozinhar para ele até que se recupere.

Tamar mora no palácio junto de seu pai e Davi autoriza a ida de Tamar que se desloca até a casa de seu irmão. Lá ela separa a farinha e assa bolos, mas ao lhe servir os bolos ele não os quis comer, orientara que todos saíssem da casa. Então, chamou Tamar para servi-lo no quarto, e quando ela se aproximou com esse fim ele a agarrou e pediu para se deitar com ela.

Tamar disse que não e pede para que ele não faça essa violência com ela, mas que peça ao pai para se casar com ela e ela concordaria. Amnon não a ouviu e sendo mais forte que ela a violentou. Depois a desprezou e mandou que ela saísse da casa, ela resistiu, então ele chamou seus servos para expulsá-la e trancou a porta.

Chorando em voz alta no caminho, Tamar encontrou seu irmão Absalão que a levou para a casa dele. Davi ficou furioso e embora Absalão não tenha falado nada, guardou ódio no coração. Dois anos se passaram e Absalão convidou várias pessoas para uma festa em sua casa, inclusive Amnon. Então, Absalão ordenou aos seus aliados que matassem Amnon quando ele estivesse bêbado, pois assumiria a responsabilidade.

A notícia chegou ao pai de maneira errada, pois ele foi informado que todos os seus filhos foram mortos, mas na verdade eles fugiram e Absalão foi viver em Gesur.

No cenário de conflito de Juízes 4, os israelitas liderados pela profetisa Débora estavam entregues ao poder do reino de Jabim, cujo chefe do exército era Sísera. A profetisa chama Baraque para lhe dar orientações de Deus sobre como agir para derrotar Sísera. Baraque concorda desde que ela fosse junto com ele, Débora responde que iria, mas que por causa dessa atitude a honra não seria dele, mas de uma mulher, por derrotar Sísera.

Depois dos ataques ao exército, ao perceber que está perdendo a luta, Sísera desce de seu carro, foge a pé e segue para a tenda de Jael, pois sabia que o povo dela tinha paz com o reino de Jabim.

Jael o convida para entrar, fala para ele não temer, e o esconde debaixo de um pano. Sísera pede água, ela lhe dá leite e o cobre novamente. O leite para uma pessoa cansada contribui o relaxamento e enquanto ele dormia, Jael, com uma estaca e um martelo o acerta na cabeça e o mata. Quando Baraque passa pelo local à procura de Sísera, Jael lhe mostra o homem morto com a estaca que ele procurava.

O último texto é Lucas 7:36-50, relativo a um fariseu que convida Jesus para jantar. Quando está na mesa, uma mulher (pecadora) entra na casa (sem convite), chora aos pés de Jesus, ela os seca com seus cabelos e coloca o perfume mais caro da época em seus pés.

Esse texto trata do desafio de abrir sua intimidade, ao convidar o outro, Ele (Jesus) não vê apenas sua casa, mas o interior dela, nesse caso, a casa constitui uma analogia à alma.

O fariseu pensa que ele não é um profeta, porque não sabe quem é essa mulher. Jesus leu seu pensamento e disse que queria lhe falar algo e adota uma parábola para ensinar sobre

perdão: o mais errante tem mais dívidas perdoadas, por isso passa a amar mais o Quitador da dívida, neste caso Jesus.

Ele aponta que não foi bem recebido, pois não recebeu água para lavar os pés, conforme costume da época (fazendo sempre analogia com a parábola), ao passo que a mulher lavou seus pés com suas lágrimas e perfume.

Por fim, declara que seus pecados estão perdoados, e deixa claro que não é uma troca, mas sim a fé dela que gerou a salvação. Mais uma vez a hospitalidade em seu caráter incondicional aparece de maneira sutil.

A seguir um quadro que sintetiza as características dos relatos bíblicos a partir da perspectiva apresentada por Boff (2005), o quadro está dividido por texto bíblico e responde os seis questionamentos abordados pelo autor.

Quadro 1. Análise conforme questões do autor Boff (2005)

Questões Boff (2005)	Gên. 18	Gên. 19	2 Samuel 13	Juízes 4	Lc. 7: 36-50
Onde?	Canaã / Tenda	Sodoma e Gomorra / Casa	Palácio / Casa	Tenda	Casa
Quem é o anfitrião?	Abraão	Ló	Amnon / Absalão	Jael	Fariseu / Pecadora
Quem é o hóspede?	3 pessoas divinais	2 pessoas divinais	Tamar / Amnon	Sísera	Jesus
Atitude do hóspede?	Amigável	Séria e aceita o convite por causa da insistência	Prestativa e vulnerável / não há indícios	Desprotegido, fugitivo, medo	Respeitável, orientador e profeta
Atitude do anfitrião?	Gentil, servil, ágil e atencioso	Gentil, atencioso e protetor	Hostil, estrategista e violento / estrategista e vingativo	Protetor, gentil e cuidador	Descuidado e grosseiro / humilde
Viabilização?	Anfitrião orienta esposa	Orienta esposa sobre	Convite para cozinhar;	Entrega de um copo de	Mesa preparada

e servos sobre quais alimentos e como fazê- los; escolhe os melhores ingredientes; dedica tempo de conversa com os hóspedes.	como e qual alimento cozinhar; Situação de conflito: age em prol da segurança dos hóspedes;	ausência dos servos; / Convite para festa, banquete.	leite, descanso e quebra de confiança ao matar o hóspede.	para o jantar, falta de recepção / Cuidado e zelo.
--	--	--	--	--

Fonte: Autoras (2021).

A abordagem dos textos bíblicos em relação as lentes da hospitalidade resultam na identificação dos seguintes elementos:

- Doméstico: em todos evidencia-se a residência como o principal contexto de acontecimentos da relação de hospitalidade/hostilidade.
- Tipos e Lugares: casas, tendas, palácios. Terras de Canaã e as cidades de Sodoma e Gomorra.
- Inclusão e Exclusão: presença de ambas na maioria dos textos, exceto na de Abraão (Gên. 18) que prevalece a inclusão.
- Leis: há o conhecimento delas, e há casos em essas leis são utilizadas como forma de executar um plano que culminaria na violação de outras leis não ligadas diretamente à hospitalidade.
- Encenação/desempenho: há cena de hospitalidade e há indivíduos que a executam com excelência e outros que planejam a hospitalidade para fazer mal ao hóspede, pode-se dizer que ela foi usada como uma estratégia de guerra.
- Dimensões Sociais e Culturais: em todos os textos percebe-se a força da cultura e do social, há a repetição de elementos em diferentes textos, mostrando a força e influência dessas dimensões nos estudos de hospitalidade, e na determinação das leis de hospitalidade.

Considerações Finais

Os textos selecionados são desafiadores para a análise da hospitalidade, em dois deles, 2 Samuel 13 e Juízes 4 evidencia-se o planejamento da hospitalidade como estratégia para um objetivo hostil, ao que se infere que seu resultado é a hostilidade, uma hostilidade planejada, premeditada, o que torna evidente a característica dual da hospitalidade (anfitrião/hóspede – amigo/inimigo).

Na história de Abraão seria a hospitalidade em sua essência genuína, incondicional, amigável, que busca a proteção e condições de sobrevivência, mas também o desenvolvimento da relação, do vínculo entre o que recebe e o que chega. Já no relato sobre Ló é possível perceber nuances sobre essa hospitalidade, embora apresente indícios de perversão, provavelmente em razão da influência de outros povos e culturas, culturas essas que não tem a hospitalidade como ética para a vida.

No texto do Novo Testamento, percebe-se a permanência de alguns atos de hospitalidade na cena, mas também há um profundo diálogo entre anfitrião (fariseu) e hóspede (Jesus), pois não basta somente abrir a porta da residência para o Outro entrar, é preciso abrir o coração e perceber o valor desse encontro com a verdade de nossas almas. Aquele que menos tem é na verdade o que mais tem a oferecer ao que chega, por isso a hospitalidade não está ligada aos bens disponíveis para conceder um banquete, mas o quanto você está disposto a se abrir para o outro, deixá-lo entrar e permitir a mudança que este pode trazer para sua vida.

Foi possível analisar os textos conforme a proposta apresentada, utilizando perguntas que favorecem o entendimento e percepção da cena hospitaleira nos textos, assim como as lentes da hospitalidade que possibilitam o aprofundamento da discussão sobre cada lente identificada.

Interessante observar a característica das portas: em alguns textos, ora fechada, inclusive trancada, ora aberta, mostrando a inclusão ou exclusão do hóspede, a dificuldade e o risco que a transpor pode significar para a vida do hóspede, estrangeiro ou não. Ainda hoje constitui um desafio para cada um de nós, e como não se resume a somente abrir a porta, mas exige muito mais de cada pessoa que a abre, o que talvez explique por que se mantêm fechadas, principalmente nas regiões urbanizadas em que os encontros passam a ser em restaurantes, parques, livrarias e outros.

Cada vez mais fora da casa, cada vez mais em territórios neutros pertencentes a outros que não fazem parte do vínculo, territórios menos particulares e íntimos que impedem de revelar

de fato quem somos. A resposta da exclusão e distanciamento do outro perpassa essa condição, nos desencontramos de nós mesmos e não sabemos mais promover esse encontro. Perdidos em nosso próprio eu.

Chama a atenção, a revelação de um anfitrião-servidor, que entende que está ali para servir seu hóspede e que aguarda sua autorização para executar alguns atos. Aspecto quase inconcebível para o conceito de hospitalidade predominante no Ocidente, o que requer novas pesquisas e aprofundamento da discussão.

Os três artigos identificados no levantamento realizado na plataforma Scopus, trouxeram riqueza de detalhes e visões diferentes sobre o estudo dos textos bíblicos que afloram o interesse de desenvolver outras pesquisas sobre hospitalidade na Bíblia, assim como identificar outros relatos relativos à cena hospitaleira.

Um outro ponto que talvez nossa visão ocidental e distante daquela época recaia na interpretação do valor da mulher, pois fica evidente a existência de diversos povos, com culturas diferentes naquele período. No relato concernente ao povo de Israel, recaia o questionamento sobre depreciação da mulher?

Aspecto que aporta oportunidades para outras pesquisas por meio da seguinte análise, será que ao dar uma filha virgem para proteger uma pessoa é porque ela não tem valor? Será que o valor era tanto que era capaz de salvaguardar uma vida?

Referências Bibliográficas

BENVENISTE, E. Hospitalidade. In: _____. **O vocabulário das instituições indo-europeias**. Economia, parentesco, sociedade. Campinas: UNICAMP, v.1, p. 87-101, 1995.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível**. Hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis, RJ: Vozes, vol. 1, 2005.

CAMARGO, L. O. L. As leis da hospitalidade. **RBTUR**, São Paulo, 15 (2), e-2112, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2112/1443>

DIAS, E. C. Modelli di ospitalità e theoxenia nella bibbia. **Perspect. Teol.**, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 207-221, Mai./Ago. 2019. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4158>

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas Estado da Arte. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 79, 2002, pp. 257-272.

FIGUEIREDO, N. Da importância dos artigos de revisão da literatura. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 23, n. 1/4, 1990, pp. 131-135.

GODBOUT, J. T. Recevoir, c'est donner. **Communications**, 65, 1997. pp. 35-48. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1997_num_65_1_1985

GUDME, A. K. H. Invitation to murder: Hospitality and violence in the Hebrew Bible, **Studia Theologica - Nordic Journal of Theology**, 73:1, 2019, pp. 89-108, DOI: <https://doi.org/10.1080/0039338X.2019.1596979>

GUIZI, A. A.; WADA, E. K.; GÂNDARA, J. M. G. Stakeholders, eventos corporativos e hospitalidade: Estudo de casos múltiplos em Bourbon Hotéis e Resorts. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, Volume 6, Número 1, Jan./Jun. 2016, p. 53-72.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones UNAD**. Volumen 14. Número 2. Julio-Diciembre 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/322589335.pdf>

LASHLEY, C.; LYNCH, P.; MORRISON, A. Ways of Knowing Hospitality. In: **Hospitality: a social lens**. Oxford: Elsevier, 2007, p. 173-191.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp., 2007, p. 37-45.

MARCELINO, G. K. **Estudos em hospitalidade e perfil dos pesquisadores-doutores brasileiros**. 2016. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

MESSINA, G. Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa. **Revista IberoAmericana de Educación**, n. 19. 1999. Disponível em: <http://www.rieoei.org/oeivirt/rie19a04.htm> - acesso em 19/03/2018.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, v. 22, n. 37, 1999, p. 7-32.

MOREIRA, W. Revisão de Literatura e Desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Revista Janus**, Lorena/SP, ano 1, n. 1, 2º sem., 2004.

PITT-RIVERS, J. The law of hospitality. In: **The Fate of Shechem or The Politics of Sex: Essays in the Anthropology of the Mediterranean**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, pp. 94-112.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C.; BELLO, S. F.; HAYASHI, P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 1, 2012, pp. 53-66.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R.T. As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, 2006, pp. 37-50.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. Bíblia Sagrada: nova versão internacional. Santo André: Geográfica, 2017.

SOUZA, J. E.; GIACOMONI, C. Análise documental como ferramenta metodológica em história da educação: um olhar para pesquisas locais. **Cadernos CERU**, Série 2, Vol. 32, n. 1, jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/189278/174832>

WELLS, J. Bible Hospitality. **The Expository Times**, 10 (2), 1989, pp. 62-64. DOI: 10.1177/001452469801000204.